**FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO SÉCULO XXI: UMA VISÃO SOCIAL E CULTURAL**

Natália Ferreira Duque1

Rosana Aparecida Siano da Silva ²

**RESUMO**

O presente artigo busca apresentar uma visão social e cultural da formação de novos Professores do século XXI. Ter clareza da função social da escola e do homem que se quer formar é fundamental para que o professor realize uma prática pedagógica competente e socialmente comprometida, particularmente num país de contrastes como o Brasil, que tem grandes desigualdades econômicas, social e cultural. Daí a importância da formação do professor, pois cabe a eles, em sua prática docente propiciar situações de aprendizagem que levem ao desenvolvimento de habilidades e de conteúdos que possam responder as necessidades dos alunos no meio social que habitam.

PALAVRAS CHAVES: Professores, Sociedade, Aprendizagem, Formação.

**ABSTRACT**

This article seeks to present an overview of the social and cultural training new teachers of the XXI century. Clarity of the social function of the school and the man who wants to form is essential for the teacher to perform a pedagogical practice competent and socially committed, particularly in a country of contrasts such as Brazil, that has large economic inequality, social and cultural. Hence the importance of teacher training because it is up to them in their teaching practice provide learning situations that lead to the development of skills and content that can meet the needs of students in the social environment they inhabit.

KEY WORDS: Teachers, Society, Learning, Training.

1. **INTROUÇÃO**

Atualmente, o currículo escolar encontra-se na berlinda. Os grandes eixos da arquitetura da modernidade foram abalados: o Estado, a sociedade, a cultura, o trabalho e a subjetividade. Nesse contexto, a escola, no seu formato herdado da modernidade e do projeto republicano de nação, encontra-se em crise. As reformas educacionais que vêm sendo introduzidas em diversos países, entre os quais o Brasil, procuram ajustar a escola a essas mudanças mais amplas, de acordo com as concepções dominantes sobre as novas demandas da economia, da sociedade e da cultura. No Brasil, as deficiências na formação inicial dos professores e as precárias condições de trabalho que enfrentam nas escolas tornam difícil a concretização de um modelo no qual os professores tenham autonomia para adequar o currículo às características de diferentes grupos de alunos e de diversas condições locais, pois, segundo os ideólogos da reforma, é preciso que os alunos aprendam a aprender e não mais só aprendam.

Gimeno Sacristán mostra como os processos de globalização impactam a educação, pois incidem sobre as pessoas – maior individualismo, menor segurança social, novas formas de construção de identidades -, sobre os conteúdos do currículo – ampliação, diversificação e instabilidade dos saberes significativos - e sobre as formas de aprender – novos, poderosos e atrativos canais de circulação de informação fora do âmbito escolar (2007, p 15-40). Ao lado da formação de professores e da implantação dos sistemas centralizados de avaliação de resultados, o currículo compõe uma nova lógica de regulação da educação que procura combinar um certo grau de flexibilidade e autonomia local com o controle central de variáveis estratégicas, com o objetivo de intervir no âmago do processo educacional, ou seja, no que se ensina e como se ensina, no que se aprende e como se aprende.

No Brasil, as deficiências na formação inicial dos professores e as precárias condições de trabalho que enfrentam nas escolas tornam difícil a concretização desse modelo. Não é por acaso que se alternam, nas políticas educacionais brasileiras, a opção por um currículo prescritivo, que deve ser aplicado por um professor com pouca autonomia e a opção mais aberta, que requer um modelo de professor que seja co-autor do currículo.

Os modelos de formação de professores também se alteram e se alternam nessa dinâmica, ora enfatizando a necessidade de uma formação inicial mais sólida, realizada em nível superior, ora dela desacreditando e investindo em formações *ad hoc*, de acordo com um modelo de professor executor, bem longe do professor reflexivo sonhado por tantos.

A educação no século XXI deverá ser uma educação ao longo da vida. Este conceito permite “ordenar as diferentes seqüências de aprendizagem (educação básica, secundária e superior), gerir as transições, diversificar os percursos, valorizando-os”. A educação deverá se preocupar com a formação do cidadão, da pessoa em seu sentido amplo, e não somente com a formação profissional.

Delinear as caraterísticas de um professor ideal ou de uma edicação melhorada não é tarefa fácil. Essas qualidades devem ser adaptáveis ao período histórico, a realidade da escola, ao tipo de ser humano que se deseja formar, àquilo que influencia no conhecimento do entorno da escola e dos saberes a ele atrelados; devem ser adaptadas as necessidades socioculturais, econômicas e tecnológicas advindas da globalização.

**DESENVOLVIMENTO**

O século XXI  vive um tempo de revisões paradigmáticas em vários campos do conhecimento, e da ciência e tecnologia, sobretudo, em sua abordagem no contexto escolar, e são os professores, a partir de uma boa gestão, que podem colaborar para este movimento propondo estratégias adequadas a melhoria do processo de aprendizagem e, todavia, melhoria do processo de convivência nas instituições de ensino da atualidade.

            O ensino implica a escolha de paradigmas, e está opção está pautada no modelo de sociedade, portanto, ao analisarmos os diferentes paradigmas educativos percebemos que estes seguem a linha em que a sociedade evolui.

            A escola não pode ser desligada do mundo social, mesmo que esta tenha certa autonomia, e por isso, segue ainda hoje um modelo sistêmico para processar sua relação com a sociedade, pois é esta que determina seus fins e condiciona suas necessidades de mudança.

 Aplicação de conhecimentos está relacionada às novas necessidades das organizações no atual mercado global, onde o valor dos recursos humanos é multiplicado em relação a seu grau de conhecimento, onde esse dispõe de um papel ativo que possibilita a sua valorização pessoal e profissional perante a organização em que atua.

Segundo Gadotti (2000), o conhecimento tem presença garantida em qualquer projeção que se faça do futuro. Por isso há um consenso de que o desenvolvimento de um país está condicionado à qualidade da sua educação.

Sob essa ótica é importante ressaltar que a Sociedade do século XXI e em especial a Brasileira, busca uma educação que vise formar para a autonomia devendo fomentar nos educandos “a curiosidade e a criticidade”; considerando que um educador que busca despertar esses aspectos em seus educandos, não pode basear-se apenas na memorização mecânica (FREIRE, 2002).

O educador do século XXI, figura expressiva nesse contexto, deve contribuir para a formação de um indivíduo responsável, independente e cidadão, devendo estar atento à realidade atual, onde o aluno recebe informações a todo instante, devido às facilidades proporcionadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação (GADOTTI, 2000).

Na sua formação reflexiva, o educador deve esforçar-se pela abertura e desenvolvimento constantes de vias de comunicação entre seus objetivos, seus limites, sua própria identidade (enquanto educador), o contexto escolar do qual faz parte, a realidade de sua sala de aula e a realidade de sua prática pedagógica, com o cuidado de não reduzir o seu “fazer pedagógico” a um processo técnico e mecânico, desconsiderando a complexidade presente do processo ensino aprendizagem. Nessa diretriz, sua ação centra-se no desvelamento da realidade, balizada pela análise da educação problematizadora em respostas às inquietações históricas situadas, não a reunião de ações esparsas e desarticuladas, mas inferências que orientem o jeito de caminhar pelo viés da politicidade e da escola orientada pelo princípio educativo propriamente dito.

 Portanto, ensinar, trocar informações e colaborar na construção de conhecimentos, é algo profundo e dinâmico onde a questão de identidade cultural que atinge a dimensão individual e a classe dos educandos, é essencial à "prática educativa progressista". Assim, torna-se imprescindível "solidariedade social e política para se evitar um ensino elitista e autoritário como quem tem o exclusivo do "saber articulado” (FREIRE, 2000)

Sob esse aspecto, Gadotti (2000) ressalta que:

“Educar para um outro mundo possível é fazer educação, tanto formal, quanto não-formal, um espaço de formação crítica e não apenas de formação de mão-de-obra para o mercado; é inventar novos espaços de formação alternativos ao sistema formal de educação e negar a sua forma hierarquizada duma estrutura de mando e subordinação; é educar para articular as diferentes rebeldias que negam hoje as relações sociais capitalistas; é educar para mudar radicalmente nossa maneira de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta, portanto, uma educação para a sustentabilidade”.

Acredito que o professor do século XXI deve funcionar como um facilitador no acesso às informações. Deve funcionar como um bom amigo que auxilia a criança ou jovem a conhecer o mundo e seus problemas, seus fatos, suas injustiças e suas solidariedades, de forma que o aluno possa caminhar com liberdade de expressão e, consequentemente, de ação. Em contrapartida, o aluno deve respeitar o espaço escolar e valorizar o professor, sabendo aproveitar a magia do momento, o encantamento do aprender-ensinar-aprender.

Diante de tantas vicissitudes na sociedade, a ação docente também sofre a necessidade de alterações para se adequar ao contexto no qual está inserida. Segundo Roldão (2007), o que caracteriza e distingue o professor de outros atores sociais e agentes profissionais, é a ação de ensinar, ou seja, “o que se entende por ensinar,” conceito esse que não é consensual, nem estático. A emergência de um grupo profissional estruturado em torno dessa função é característica da modernidade. No tocante ao conceito de ensinar há controvérsias entre “professar um saber” e “fazer os outros se apropriarem de um saber”.

No contexto atual de acesso à informação e de estruturação da sociedade em torno do conhecimento enquanto capital global a concepção de ensinar enquanto transmissão pertence ao passado mais distante, quando esse significado era socialmente pertinente num contexto onde o saber disponível era menor, pouco acessível e seu domínio limitado a um número restrito de grupos e indivíduos, caracterizado até meados do século XX. Ensinar enquanto transmissão era aceitável nesse contexto como forma de tornar público o conhecimento aos que não o possuíam. Na atualidade, segundo Roldão (2007. p.95), a função de ensinar é caracterizada pela “figura da dupla transitividade e pelo lugar de mediação”. Assim, ensinar é a especialidade de fazer aprender alguma coisa (currículo), a alguém (destinatário da ação). Conforme Roldão (2007, p.102): “Saber produzir essa mediação não é um dom, embora alguns o tenham; não é uma técnica, embora requeira uma excelente operacionalização técnico-estratégica; não é uma vocação, embora alguns a possam sentir. É ser um profissional de ensino, legitimado por um conhecimento específico exigente e complexo.”

Um professor que reconhece as diferenças socioculturais, econômicas, políticas e que o saber é uma construção, não terá a pretensão de que todos os alunos aprendam da mesma maneira e tenham os mesmos interesses pelos diferentes saberes. E, ainda, compreende que o saber, sendo construído, historicamente, pelos homens e pelas mulheres de um tempo e de um lugar também históricos, não terá o mesmo significado para todos.

E, também, que o progresso social, tecnológico, o progresso da humanidade e de cada sujeito histórico são construídos conforme as condições materiais, culturais e ideológicas de cada lugar, de cada povo, de cada sujeito, no plano coletivo e também subjetivo. Como explica Simonini e Nunes (2008) “O projeto de formação docente é, na verdade, um projeto político. Assim, em cada época histórica, assiste-se a mudanças propostas pelo poder público. Esse poder se manifesta a favor das mudanças tendo como referência pressões sociais, e, ainda, pressões políticas de órgãos internacionais que, ao longo da História do Brasil, têm influenciado a nação para que se faça reformas educacionais”.

**CONCLUSÃO**

Com base nessa reflexão, entendemos que o educador do século XXI tem um grande desafio a ser enfrentado que é estimular o jovem para a aprendizagem, jovem que vive na era digital e que na realidade escolar enfrenta aulas monótonas e sem atrativos. Desse modo não basta apenas estimular o educando, mas é necessário também, que o professor busque maneiras de atualização, proporcionando aulas que novos conteúdos que desafiem os alunos. Enfim, a Gestão da Educação é o desafio que se apresenta para os professores do futuro.

Compreendendo o professor eficaz como aquele capaz de examinar com senso crítico e sistemático a própria atividade que realiza Pacheco (1995) sugere que a formação deveria embasar-se na reflexão, inovação e investigação, de modo que o professor aprenda e desenvolva mais competências cognitivas do que técnicas. Assim o professor técnico dá lugar ao professor que toma decisões, formado num conjunto de competências adaptadas ao contexto incerto e complexo em que atua onde a principal habilidade é a tomada de decisões.

Assim, os programas de formação precisam articular as disciplinas básicas e as práticas de ensino, de modo que o formando adquira senso de realidade escolar e se conscientize do contexto em que atua ou irá atuar, para que se minimize o choque com a realidade. Uma preocupação atual é como ajudar os futuros professores a desenvolver uma prática com bases teóricas e superar as lacunas entre teoria e prática.

A educação, na pós-modernidade, precisa ser interdisciplinar e transdisciplinar. É necessário que ela consiga relacionar os conhecimentos, os diferentes saberes para que eles possam, de fato, adquirir significados socioculturais para todos.

Sendo assim, o papel dos profissionais da educação necessita ser repensado. Esses não podem mais agir de forma neutra nessa sociedade do conflito, não pode ser ausente apoiando-se apenas nos conteúdos, métodos e técnicas; não pode mais ser omisso, pois os alunos pedem uma posição desses profissionais sobre os problemas sociais, não com o intuito de inculcação ideológica de suas crenças, mas como alguém que tem opinião formada sobre os assuntos mais emergentes e que está disposto ao diálogo, ao conflito, à problematização do seu saber.

Atualmente não se pode mais apoiar-se em teses que apregoam que a educação não pode mudar enquanto não houver mudanças estruturais no sistema. Faz-se necessário acreditar, com Gadotti, que, apesar da educação não poder sozinha transformar a sociedade em questão, nenhuma mudança estrutural pode acontecer sem a sua contribuição. A transformação social, que muitos almejam para uma sociedade mais justa, com menos desigualdades, onde todos tenham voz e vez, só será possível a partir do momento que se evidenciem os conflitos, não tentando escondê-los ou minimizá-los, mas que os tragam à tona, para que assim o papel do educador na educação não contribua como mecanismo de opressão, buscando a superação e não a manutenção do*status quo.*

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Gadotti, Moacir (1998): *Pedagogia da práxis*, 2.ª ed., São Paulo, Cortez.

GADOTTI, MOACIR. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, n. 2, 2000.

GIMENO SACRISTÁN, J. A educação que ainda é possível: ensaios sobre uma cultura para a educação. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 25. ed. São Paulo; Paz e Terra, 2002, 54p. (Coleção Leitura).

PACHECO, J. A. e FLORES, M A. Formação e avaliação de professores. Porto: PortoEditora, 1995.

ROLDÃO, M. do Céu. **Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional**. Portugal. Revista brasileira de Educação. v.12 n.34 jan/abril 2007.

SIMONINI, G. C. da S. e NUNES, S. do C. N. A Formação de Futuros Docentes Para o Ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. In: ZAMBONI, E. e FONSECA, S. G. (Orgs.). Espaços de Formação do Professor de História. Campinas/SP: Papirus, 2008, 163.

**OBRAS CONSULTADAS**

Disponível em site :<http://www.aluziamestrado.bligoo.com.br/desafios-da-educa-o-no-seculo-xxi>. Consultado em 06/09/2013, às 20:10.

Dsnponível em site: <http://www.rieoei.org/rie33a03.htm>. Consultado em 06/09/2013, às 21:36.